

NEUROSE OBSESSIVA: O INÍCIO DE UMA INVESTIGAÇÃO METAPSICOLÓGICA A PARTIR DE SUAS BASES PRÉ-PSICANALÍTICAS

Joselene Monteiro Silva
Eduardo Silva Taveira
Clarissa Maia Esmeraldo Barreto
Henrique Riedel Nunes
Laéria Bezerra Fontenele

Este trabalho é produto da pesquisa “Os obstáculos ao tratamento da neurose obsessiva: um estudo metapsicológico de suas condições estruturais”, orientada pela Prof. Dra. Laéria Fontenele e desenvolvida no Laboratório de Psicanálise da UFC. Tal pesquisa foi movida tanto pela considerável incidência de casos de neurose obsessiva na clínica analítica contemporânea, como também pelo agravamento de dificuldades inerentes ao seu tratamento. Com o objetivo de sistematizar os obstáculos comuns à clínica dessa neurose e meios para a superação destes, promovemos essa investigação para acompanhar a compreensão do fenômeno clínico da neurose obsessiva na obra de Freud, cujos estudos metapsicológicos e a experiência clínica apontam-nos alguns esclarecimentos. A fim de que compreendêssemos os processos psíquicos, a etiologia e os mecanismos característicos da neurose obsessiva, abordamos questões iniciais levantadas por Freud em um período anterior a 1990 e ainda nos debruçamos sobre textos propriamente psicanalíticos, como o caso do Homem dos Ratos, textos da metapsicologia, entre outros.

Apesar de, na época de Freud, já ser conhecido o fenômeno no qual o sujeito é impelido a pensar e agir contra sua vontade, foi a ele “que coube o mérito de (...) conferir um conteúdo teórico à antiga clínica das obsessões, (...) situando a doença no registro da neurose” (ROUDINESCO, 1998, p.538).

Em 1894, no texto *As Neuropsicoses de Defesa*, Freud (1894/1996) descreve a forma como compreendia então a origem da histeria adquirida, muitas obsessões, fobias e certas psicoses alucinatórias. O ponto comum entre essas afecções estaria em uma

incompatibilidade entre representações na vida psíquica do sujeito e, então, haveria um esforço voluntário de afastar certas ideias da mente. Com esse propósito, em alguns casos, o eu “transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto” (FREUD, 1894/1996, p.56). Essa soma de excitação retirada deverá receber outros destinos, provocando assim uma substituição de ideias.

A partir de uma maior compreensão acerca da relevância do domínio da vida sexual na etiologia das neuroses, tal como apresentado em textos como *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*, Freud (1896a/1996) postula a teoria do trauma, argumentando que um acontecimento sexual real na vida infantil do sujeito está relacionado com a causação da neurose em questão (FREUD, 1896a, p.151). Segundo essa teoria, na neurose obsessiva, o trauma se deve a um ato de agressão inspirado no desejo, que proporcionou prazer.

No decorrer dos estudos, Freud percebe que “as ideias obsessivas são, invariavelmente, auto-acusações transformadas, que reemergiram do recalçamento e que sempre se relacionam com algum ato sexual praticado com prazer na infância” (FREUD, 1896b, 169). Ao recalçar e substituir as lembranças desse prazer precoce, o sujeito produz sintomas primários de defesa (conscienciosidade, vergonha e autodesconfiança). Posteriormente, a defesa fracassa e ocorre o retorno das lembranças recalçadas de modo distorcido, pois o que alcança a consciência é uma “formação de compromisso entre as representações recalçadas e as recalçadoras” (FREUD, 1896b, p.170).

O avanço nas concepções de Freud pode ser percebido no decorrer de três cartas a Fliess. Na Carta 69, Freud (1896c/1996) demonstra ter abandonado a teoria traumática para começar a dimensionar melhor o alcance da realidade psíquica. Na carta 71 (1896d/1996), relata a descoberta do Complexo de Édipo. Além disso, na carta 75 (1896d/1996), a sexualidade infantil passa a ser indicada como algo normal e universal.

Esse segundo momento de compreensão da sexualidade tem especial desenvolvimento nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996). Com a introdução do conceito de pulsão, Freud (1905/1996) mostra que a sexualidade humana dita normal é repleta de transgressões. E, mais que isso, há uma sexualidade infantil que passa por diversas fases de desenvolvimento da libido. Tal processo é relacionado às zonas erógenas, pelas quais o sujeito obtém prazer realizando determinadas atividades. Tendo em vista nossos propósitos, cabe destacar aqui que a fase anal é representada por atividades de retenção das fezes ou distúrbios do aparelho intestinal, visando à estimulação da mucosa anal e a consequente obtenção de prazer (FREUD, 1905/1996, p. 175). Tais experiências infantis relacionam-se aos modos de satisfação da vida adulta, uma vez que sendo levados em consideração, muitos dos fenômenos pertinentes à clínica se mostram passíveis de compreensão, como no caso do Homem dos Ratos, o que será mais bem demonstrado a seguir.

Depois de uma série de escritos que discorreram, direta ou indiretamente, sobre as obsessões, Freud (1909/1996) publica *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, que ficou conhecido como caso do Homem dos Ratos. A importância desse texto reside não só no fato de ser o mais pormenorizado relato de um caso dessa neurose, demonstrando sua etiologia, mecanismos e sintomas; mas também por elucidar os avanços e obstáculos do tratamento psicanalítico na neurose obsessiva.

As queixas e sintomas que fizeram com que o Homem dos Ratos fosse buscar atendimento psicanalítico consistiam em proibições, medo que algo trágico ocorresse com pessoas queridas, além de impulsos compulsivos e auto-agressivos. Desde o início do processo analítico, a sexualidade ocupou papel central, com destaque para desejos e experiências prazerosas infantis. Tal prazer precoce e ativo desencadeou, posteriormente, uma defesa que se manifestou na forma de medo: “Se tenho esse desejo de ver uma mulher

despida, meu pai deverá fatalmente morrer” (FREUD, 1909/1996, p.147). Desejo e medo obsessivos já eram intimamente associados desde sua infância e participavam dos sintomas e medidas de proteção que o paciente adotava.

O sujeito também sofria de ideias invasivas associadas ao suplício dos ratos, tal como o capitão cruel lhe relatara, sendo aplicado ao seu pai e a sua dama. Ao tocar no assunto, o paciente ficava transtornado e sua expressão foi descrita por Freud (1909/1996, p.150) como um “horror ao prazer todo seu do qual ele mesmo não estava ciente”. Muitas vezes sua fala tomava um aspecto incompreensível, mesmo assim, o sujeito pôde fazer associações, envolvendo prazer anal, agressão e ódio dirigidos ao seu pai e à dama, além de toda uma trama de palavras (rato, casamento, crianças, pênis, dinheiro, vermes etc.) cujas relações complexas são impossíveis de se esclarecer aqui. Contudo, é relevante ressaltar a questão da perda da realidade na neurose, expressa, nesse caso, sob a forma de delírios. O referido fenômeno pode se configurar como um obstáculo clínico no que se refere ao diagnóstico diferencial e à condução do tratamento, que teve êxito através da posição analítica de Freud de sustentar essa fala e fazer o sujeito prosseguir seu relato, cujas associações levaram a uma solução e desaparecimento do delírio.

Os sintomas representam a vida sexual do neurótico, cujas causas e consequências desempenham papel muito importante. Freud ressalta que “os resultados de uma doença dessa natureza nunca são involuntários; na realidade, o que parece ser a *consequência* da doença é a *causa* ou *motivo* de ficar doente” (1909/1996, p.175). Nesse caso, ficando doente, o Homem dos Ratos, por exemplo, evitou resolver problemas da vida real: escolher ficar com a dama que amava ou com a dama rica, dilema outrora enfrentado por seu pai. O referido acometimento, em si, já é um obstáculo ao tratamento, pois o sintoma foi a solução encontrada para afastá-lo de um conflito e dissolver o sintoma significaria ter que lidar com o assunto incômodo.

Ao fazer considerações teóricas sobre o caso, Freud propõe que nos refiramos a um pensar obsessivo, o qual é caracterizado por uma confusão no discurso e é resultado do contínuo deslocamento de afeto de uma representação a outra. Mais que isso, o pensar torna-se erotizado, não propriamente quanto ao conteúdo, mas sim quanto ao próprio processo, do qual pode ser extraída uma satisfação sexual. Outra característica do pensar obsessivo deve-se à coexistência de impulsos de amor e ódio, que não podem se expressar na consciência e, por conta da indecisão daí decorrente, surge a dúvida. Isso se difunde, por meio do deslocamento, do amor para as coisas mais insignificantes. Além disso, essa incerteza “é um dos métodos utilizados pela neurose a fim de atrair o paciente para fora da *realidade* e isolá-lo do mundo – o que é uma das tendências de qualquer distúrbio psiconeurótico” (FREUD, 1909/1996, p. 201). Freud também observou que há uma convicção compartilhada por neuróticos obsessivos na onipotência de seus pensamentos e sentimentos. O modo de pensar obsessivo se configura também como obstáculo na clínica, pois dificulta a adesão do paciente à associação livre.

Tendo em vista as conclusões obtidas até aqui, podemos nos debruçar sobre os aspectos metapsicológicos relacionados à problemática em questão. No texto *Pulsões e destinos da pulsão* (1915a/2004), Freud, ao examinar o redirecionamento da pulsão sádica contra a própria pessoa, faz a interessante reflexão que na neurose obsessiva: “encontramos o redirecionamento contra a própria pessoa, sem fazer-se acompanhar da passividade perante outra pessoa. (...) A compulsão de atormentar se transforma em autotormento, autopunição, mas não em masoquismo” (FREUD, 1915a/2004, p.153).

Ainda em 1915, Freud, a partir de seu texto sobre recalque, chama a atenção para a economia libidinal envolvida nesse processo de defesa, ressaltando o empenho contínuo de força não só para repelir algo, mas também para mantê-lo distante da consciência. A descrição freudiana do recalque na neurose obsessiva fica, a princípio, “em dúvida sobre o

que devemos encarar como o representante que está submetido ao recalque, se um anseio libidinal ou um anseio hostil” (FREUD, 1915b/2004, p.185). A seguir esclarece que essa incerteza é devida à regressão que fez com que um anseio sádico entrasse no lugar de um amoroso e é justamente esse impulso hostil dirigido à pessoa amada que cai sobre o recalque. Além disso, através de uma formação reativa há uma intensificação de um oposto. Esse recalque, apesar de bem sucedido a princípio, não tarda a falhar, permitindo com que o conteúdo recalcado retorne, o que caracteriza ambivalência, a qual fora marcadamente observada por Freud na relação transferencial estabelecida em análise. Assim, as repetidas substituições por deslocamento caracterizam a formação do sintoma obsessivo, fazendo com que, nessa neurose, o trabalho de recalque resulte “numa luta sem êxito nem fim” (FREUD, 1915b/2004, p.186); diferentemente do que ocorre na histeria e na fobia, onde o afeto encontra outros destinos (FREUD, 1915c/2004, p. 34-36). A fim de se distanciar das relações originais entre afeto e representação, o obsessivo lança mão de uma série de explicações para dar conta de seu sofrimento e explicar seu sintoma. Estamos tratando aqui da racionalização. Tal fenômeno, recorrente na clínica, emerge na forma de um obstáculo ao tratamento, na medida em que tolhe o engajamento do neurótico à regra fundamental da psicanálise: associação livre.

Cabe-nos agora sistematizar brevemente a forma pela qual os dados apontados até aqui podem nos auxiliar no esclarecimento de questões relativas aos obstáculos que surgem na clínica da neurose obsessiva. Primeiramente, devemos apontar as compulsões como um relevante obstáculo encontrado, visto que estas defesas secundárias se inserem na vida normal do obsessivo discretamente e, muitas vezes, de forma a serem assimiladas pelo cotidiano. Apontamos tal condição como obstáculo devido ao fato de, muitas vezes, agir contra qualquer mobilização em busca de atendimento. Tal postura demonstra um forte apego ao sintoma, uma vez que este representa uma conciliação entre as forças recalçadas

e recaladoras: um modo particular de satisfação neurótica. Além disso, de acordo com o que Freud argumentou no texto do *Recalque* (1915b/2004), o mecanismo obsessivo, algumas vezes, pode desembocar na perda da realidade – aproximando-se da sintomatologia da paranóia – como pode ser observado no caso do Homem dos Ratos. Deste modo, a perda da realidade surge como obstáculo na medida em que dificulta o diagnóstico diferencial.

Os achados apontados até aqui se limitam a estudos anteriores a 1920. Devido à brevidade inerente à proposta do presente trabalho, abstermo-nos de apontar as conclusões provenientes de estudos relacionados a textos posteriores a 1920. Deste modo, tendo em vista a minuciosidade necessária para abordarmos o tema em questão, tais estudos serão contemplados em trabalhos futuros.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Obsessões e Fobias (1895) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896a) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896b) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 69 (1896c) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 71 (1896d) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Carta 75 (1896e) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O Recalque (1915a) In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão (1915b) In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. O Inconsciente (1915c) In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

SOBRE OS AUTORES

Joselene Monteiro Silva. Graduanda de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Tem vinculação ao Laboratório de Psicanálise da UFC onde exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão na condição de bolsista de pesquisa PIBIC CNPq sob orientação da professora Dra. Laéria Fontenele.

Eduardo Silva Taveira. Graduando de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Tem vinculação ao Laboratório de Psicanálise da UFC onde exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão na condição de bolsista de pesquisa PIBIC UFC sob orientação da professora Dra. Laéria Fontenele.

Clarissa Maia Esmeraldo Barreto. Graduanda de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Tem vinculação ao Laboratório de Psicanálise da UFC onde exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão na condição de bolsista voluntária de pesquisa e de bolsista de extensão sob coordenação da professora Dra. Laéria Fontenele.

Henrique Riedel Nunes. Graduando de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Tem vinculação ao Laboratório de Psicanálise da UFC onde exerce atividades de ensino, pesquisa e extensão na condição de bolsista voluntário de extensão e de pesquisa sob coordenação da professora Dra. Laéria Fontenele.

Laéria Bezerra Fontenele. Psicanalista. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFC. Coordenadora da Linha de Pesquisa Psicopatologia e Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFC. Diretora do Corpo Freudiano de Fortaleza - Escola de Psicanálise. Membro do Grupo de Trabalho “Psicanálise e Arte” inscrito na ANPEPP.